



A CAPTAÇÃO DO SENTIDO E SÍMBOLOS DOS TEXTOS NA PERSPECTIVA DE PAUL RICOEUR

(The capture of the meaning and symbols in the perspective of Paul Ricoeur)

Wagner Guedes*

Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Um homem sério tem poucas idéias.

Um homem de idéias nunca é sério.

Paul Valéry



RESUMO

O artigo busca nas páginas que se seguem uma reflexão sobre a captação dos sentidos e símbolos dos textos na perspectiva do filósofo francês Paul Ricoeur. Para tanto, como fundamentação, traz à tona a discussão sobre os elementos que compõem sua hermenêutica de forma associativa à fenomenologia, objetivando, por sua vez, ir além da tarefa de captação do sentido dos textos e dos símbolos. Assim, a pesquisa observa que o filósofo parece pretender aplicar um legítimo esforço na compreensão de nós próprios e, sobretudo, do mundo. Contudo, nessa perspectiva, não se torna fácil encarar as relações entre compreensão e explicação, uma vez que sua própria noção de texto apresenta certo remanescer do encontro de cobrança no que concerne ao modo de enfrentamento de tais relações. Por fim, o artigo pretende demonstrar através de noções existenciais, a hermenêutica ricoueriana de defesa da filosofia como função esclarecedora, passando então a ser uma tentativa de expressão e de proclamação do sentido do não dito.

Palavras-chave: hermenêutica, símbolo, pensamento, sentido, compreensão.

ABSTRACT

This article searches in this pages that follow to reflect on the uptake of symbols and meanings of texts from the perspective of the French philosopher Paul Ricoeur. For this, as foundation brings up the discussion of the elements that make up its hermeneutic phenomenology of associative manner, aiming, in turn, to go beyond the task of capturing the meaning of texts and symbols. Thus, the research notes that the philosopher seems to want to apply a legitimate effort in understanding ourselves and, above all, in the world. However, this perspective, it is not easy to see relations between understanding and explanation, since his own notion of text has a certain recovery of the meeting remain regarding how to cope with such relationships. Finally, this article argues through existential notions, the ricouerian hermeneutical defense of philosophy as enlightening function, then going to be an attempt at expression and proclamation of the sense of the unsaid.

Keywords: hermeneutics, symbol, thought, sense, understanding.

INTRODUÇÃO

A teoria da pessoa humana deve ser considerada mote e fonte da intensa produção do trabalho filosófico de Paul Ricoeur. Não obstante, quanto ao que a ela concerne, pode-se afirmar que fora adquirida ante uma longa e extensa jornada pelas produções simbólicas do homem.

Dessa forma, vale citar um pensamento do próprio Ricoeur (1983): “Se a pessoa voltar, isso se dará porque ela continua a melhor candidata para sustentar as batalhas jurídicas,



políticas, econômicas e sociais”. Nesse caso, cotejando com o “sujeito”, com a “consciência”, ou o com o “eu”, a pessoa é um conceito sobrevivente e que hoje voltou a viver com força.

Ricoeur de maneira mais ambiciosa que a pregada na tradição clássica, renovou a hermenêutica, associando-a à fenomenologia. Segundo o filósofo, essa não corresponde somente a um trabalho de captação do sentido dos textos e dos símbolos, mas também a um esforço efetivo de compreensão de nós próprios e do mundo. Nota-se então, a necessidade de interpretação e da compreensão não somente do sentido já atribuídos, mas igualmente dos processos que permitiram sua criação.

1. A HERMENÊUTICA DE RICOEUR

Paul Ricoeur, em sua vasta obra, busca refletir sobre uma espécie de conciliação criativa entre as correntes filosóficas contemporâneas mais significativas. Em seu aspecto claramente multifacetado, consegue sem esforços a atenção do leitor para uma reflexão como a que nos é presente, movendo-se diversificadamente por campos que abrangem a linguística, semântica, estruturalismo, existência, psicanálise, fenomenologia, a hermenêutica, entre outras.

Certamente, emprega um olhar atento e quase efusivo sobre sua renovação hermenêutica, quando associada à fenomenologia, que em seu entendimento não se restringia a um trabalho de captação de sentido dos símbolos e dos textos, mas também a um efetivo esforço de compreensão de nós próprios e do mundo.

Assim, Ricoeur reflete sobre a narrativa, enfatizando em seu cerne, o caráter “inventivo”. Não obstante, dessa forma permite-nos compreender de nós próprios uma dimensão temporal. Em 1983, nos três volumes de *Temps et récit* (pt. “Tempo e



narrativa”), o autor evidencia essa aproximação entre a temporalidade da historiografia, e aquela do discurso literário.

Pode ser encontrada aí a vontade de Ricoeur de ligar a reflexão filosófica sobre a natureza da narrativa com a perspectiva linguística e poética. Surgiria então, como exigência de sentido, o cruzamento de múltiplas referências, ora descritas pelo filósofo como literárias, bíblicas, mitológicas, entre outras investidas na natureza.

Logo, ao voltar-se para a relação com a linguagem, observa que não se pode apreender esse gênero de obras sem certa cultura verbal, nesse caso, lança-se à problemática sobre a possibilidade ou não da imaginação das artes em seres desprovidos de linguagem.

Em entrevista a Jean-Marie Brohm e Magali Uhl, o filósofo expõe: “Será que apenas os seres que puderam significar através das palavras e frases puderam ter a ideia da iconicidade do fantasmático, do seu valor referencial, do reenvio a outra coisa e não apenas do significante interno?”

Na concepção de Wilhelm Dilthey, tanto a compreensão, como também a explicação, enquanto métodos estariam na condição de opostos entre si, ou seja, a compreensão seria própria das ciências humanas ou das ciências do espírito e, por conseguinte, a explicação seria própria das ciências naturais.

“Esclarecemos por meio de processos intelectuais, mas compreendemos pela cooperação de todas as forças sentimentais na apreensão, pelo mergulhar das forças sentimentais no objeto”. No entanto, Ricoeur tende a empregar a superação dicotômica nesse caso, pautado na ideia de que compreender um texto é encadear um novo discurso, no discurso do texto ao supor que esse texto seja aberto, ou seja, ler é apropriar-se do sentido do texto.

De um lado não há reflexão sem meditação sobre os signos; do outro, não há explicação sem a compreensão do mundo e de si mesmo.



Fato é que para captar o sentido dos textos e símbolos na perspectiva de Paul Ricoeur, torna-se necessário um mergulho em sua proposta hermenêutica.

A hermenêutica de Paul Ricoeur não é restrita somente à captação ou construção dos símbolos, metáforas, ou dos mitos, uma vez que nela quase sempre contém uma explosão potencializada de sentidos, dada a forma que traspassa a expressão literal e verbal; tão por isso, precisa ser interpretada. Trata-se de um caráter inventivo quando tratado pela narrativa, dotado de esforços algozes na maneira expressa de compreensão do mundo e, sobretudo, de nós mesmos.

Não obstante, não se pode afirmar que há algum tipo de sistematização no pensamento de Ricoeur, tampouco articulações dessa espécie no seu propósito filosófico. Decerto, essa complexa forma de pensamento, expressada por Ricoeur, parece exercer em primeira mão, um papel literário, ora fundamentado na clara forma de sua textualidade, que por sua vez distingue-se na apresentação das peculiaridades e no modo como as insere em seus textos.

Cabe então, ao leitor optar pela leitura estratégica, essa por vezes voltada a uma grande dramaticidade, imperante em boa parte de seus escritos propagadores de interpretações conflitantes.

No campo da estética, a exemplo, destaca-se a singularidade calcada e reconhecida por muitos como “um trabalho original de composição de outros textos, cuja matriz fundamental é a oposição e a exclusão”.

Não obstante, é inegável que essa dicotomia original se torne fundamental tal como expressa sua teoria da linguagem, que por sua vez é a espinha dorsal da discussão da fenomenologia com o estruturalismo ou da causalidade empregada em seu DNA narrativo, ora “organizada a partir do confronto entre a filosofia analítica e a hermenêutica”.



Nesse contexto, torna-se dirigido a fim de expurgar uma nova significação do “próprio antagonismo decorrente da convicção do autor de que o conflito interpretativo é o lugar de inscrição de uma realidade marcada com o sinal do excesso em relação às possibilidades discursivas da racionalidade humana”.

Essa originalidade é atribuída à ordem composicional que emerge de posições teóricas antagônicas, a exemplo, o caso da sua teoria da linguagem que tem o alicerce estruturado no embate da fenomenologia com o estruturalismo ou na problemática da identidade narrativa.

Dessa forma, é nas nuances da perspectiva promovida por Paul Ricoeur sobre a incomensurabilidade entre a finitude da racionalidade e a infinitude da realidade humana, que o literário é criado. Surge então, a temática do traço filosófico ricoueriano.

Em 1950, Paul Ricoeur publica a obra *Le volontaire et l'involontaire*, (O Voluntário e o Involuntário), onde não só dirige a atenção sobre a relação recíproca entre voluntário e involuntário, mas também como essa relação se configura na tríplice dimensão do decidir, do agir e do consentir.

Em seguida lança *Finitude et culpabilité* (Finitude e Culpabilidade), momento em que expressa a definição de seu projeto filosófico, o de construção de uma “Filosofia da Vontade”, ora constituída em três momentos: Eidética, Empírica e Poética.

É inegável que suas ligações com um grupo de intelectuais franceses como Mounier, Gabriel Marcel, e com o médico e filósofo Karl Jaspers, somada à sua experiência de guerra e a leitura de Heidegger, parece tê-lo direcionado a uma concepção um tanto quanto pessimista do homem.

A finitude do ser humano e suas limitações o conduzem a experiências marcantes, e a tensões dramáticas, que o colocam entre o bem e o mal. Ricoeur alça então, em Platão a busca da ideia de desproporcionalidade entre participar da *physis* e do *logos*. Contudo, observava a necessidade de outro uso da linguagem que por sua vez pudesse não apenas



ser usada na filosofia, ou seja, de que fosse possível suprir o sentido da existência humana, que já estava afixado em seu projeto filosófico, ora idealizado desde o início.

Todavia, ao longo do grande leque diversificado de temas, torna-se factível achar uma “trajetória coerente num filósofo, cujo itinerário reflete fielmente as múltiplas manifestações da filosofia no século XX”.

Segundo Gagnebin (2006), é no processo interpretativo que se confronta sempre dois mundos, o da obra e o do intérprete, os quais carecem de reflexão, contudo, a dinâmica da compreensão comporta, porém, “certo apagamento do intérprete em favor da obra”¹. À frente, em “Tempo e narrativa”, Ricoeur “dará a essa transformação da experiência do intérprete (e do leitor), o nome de *refiguração*”.

2. O SÍMBOLO E A REFLEXÃO PARA PAUL RICOEUR

Ricoeur vê no símbolo a reflexão, nesse caso, cabe a ele identificar o sentido desta reflexão, mesmo que incógnita, pois o filósofo tem as atribuições para sua compreensão. Nesse sentido, não só deve buscar o entendimento sobre a interpretação da forma com que é criado o sentido, mas também o que é atribuído a ele.

O filósofo pode empregar a reflexão na tarefa de interpretação criadora de sentido, fundamentada no impulso do símbolo que gera o pensar, baseado nas premissas do filósofo que é da compreensão.

É esta articulação do pensamento entregue a ele mesmo no reino dos símbolos e do pensamento poente e pensante que constitui o ponto crítico de todo o empreendimento. Tudo já está dito em enigma. Estamos desde sempre no reino da linguagem. É mister, portanto, uma interpretação que respeite o enigma original dos símbolos², deixando-se instruir por eles e a partir daí promova o sentido, forme o sentido na responsabilidade plena de um



pensamento autônomo³. Para a filosofia a tarefa não é impossível uma vez que o símbolo situa-se no elemento da palavra.

É imprescindível que entendamos que o símbolo é um signo, contudo não se trata de um signo qualquer, pressupondo ainda, que nem todo signo é símbolo.

“É símbolo aquele signo que encerra, em sua visada, uma dupla intencionalidade: os símbolos visam um sentido primeiro, literal, e através deste um segundo sentido que só é acessível pelo primeiro”⁴. “Denomino símbolo”, diz Ricoeur, “toda estrutura de significação em que um sentido direto, primeiro, literal designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário, figurado que só pode ser aprendido através do primeiro”⁵.

Muito diferente do que entendemos por aquilo que se passa em uma alegoria ou comparação, onde cada um dos termos é inteligível por si mesmo, o símbolo não apresenta seu duplo sentido, a não ser por meio da transparência do primeiro. Pertinente a essa indagação, Ricoeur (1978) busca esclarecer que:

“Diferentemente de uma comparação que consideramos de fora, o símbolo é o próprio movimento do sentido primário que nos faz participar do sentido latente e assim nos assimila ao simbolizado, sem que possamos dominar intelectualmente a similitude”⁶.

O símbolo apresenta-se como concessor, doador, partindo da premissa de que há uma nítida intencionalidade primária que atribui o sentido segundo⁷.

Isso parte da reflexão, do pensar, que nada mais é do que a atividade do filósofo.

Nesse momento, Ricoeur abre a distinção da atividade de filósofo, a fim da busca da “intuição imaginativa”. Em suas palavras o pensamento,

situa-se, de pronto, desde sua origem (*arché*) na linguagem que inaugura, no ocidente, o originário desvelamento de uma realidade já aí dada que precedeu qualquer elaboração racional. Pois tal é a situação, de uma parte, tudo foi dito antes da filosofia, por signo e por enigma. Tal é um dos sentidos da palavra de Heráclito: “o mestre, cujo oráculo está em Delfos, não fala, não dissimula:



ele significa” (*alla semainei*). De outra parte, temos a missão de falar claramente, talvez assumindo também o risco de dissimular ao interpretar o oráculo.

Ricoeur⁸ afirma: “Quando dizemos que a filosofia é reflexão, queremos dizer reflexão sobre si mesmo”. A densidade ontológica como verdade inicial da filosofia esse “si mesmo” recebeu da tradição inaugurada por Descartes, e que passa por Kant e Fichte⁹.

Para essa maneira de ver, a afirmação do si é apresentada como verdade que se auto-proclama. “Ela não pode ser nem verificada, nem deduzida”¹⁰. O *ego* do *ego cogito* afirma uma existência e um ato ou uma operação do pensamento. O *ego* existe na exata medida em que pensa. E a reflexão vem a ser a auto-posição desse *ego cogito*.

Entendemos, assim, que a reflexão se identifica com a volta imediata sobre si operada pela consciência, o que levaria a uma aproximação indevida entre reflexão e intuição.

A posição de Descartes nos apresenta o *ego* como inteiramente subjugado no seio do *Cogito*. Ricoeur propõe então, o resgate desse mesmo *ego*. “A posição do ego deve ser retomada através de seus atos, pois ela não é dada nem numa evidência psicológica, nem em uma intuição intelectual, ou numa visão mística”¹¹.

Tal é a via de acesso proposta por Ricoeur para a retomada do *ego*. É uma via que se efetiva por um desvio; de fato, “a primeira verdade – existo , penso – permanece tão abstrata e vazia quanto inacessível”¹².

Atingimos o *ego* através de uma volta, um desvio, até onde esse ego se cristalizou, se objetivou: suas obras, ações, representações e instituições. A decifragem dessa objetivação é que me dará a compreensão do si. Ricoeur entende que uma filosofia da reflexão não se identifica com uma filosofia da consciência “se por consciência entendemos a consciência imediata de si mesmo”¹³.

Daí a necessidade de mediação, âmbito onde se situam os símbolos. A consciência não seria, então um dado, mas uma tarefa. Um passo adiante: é justamente no intervalo entre



a reflexão e a intuição que se situa a tarefa da hermenêutica, da interpretação no conhecimento de si mesmo.

Vale citar que para o pensador francês, existe uma perda do ego nos “objetos” ou objetivações. Não obstante se existe perda, esse processo de reflexão, de interpretação opera uma recuperação. “Devo recuperar algo que primeiro foi perdido”¹⁴.

Há que se recuperar “o ato de existir, a posição do si em toda a densidade de suas obras”¹⁵. Se me compete recuperar o eu, de certo modo “extraviado” nas suas obras e representações, apropriar-me dele significa que a “situação inicial donde procede a reflexão é o ‘esquecimento’”¹⁶.

Sou como que cindido, separado do centro de meu existir. Se há cisão significa que eu não possuo, no início, o que sou. “A posição do si não é um dado, é uma tarefa”¹⁷.

Nesse contexto, na concepção do pensador não há porque estatizar-se na importância esclarecedora empregada pelo símbolo, seria talvez, um erro, uma vez que reduziria seu entendimento a um mero aumento da consciência de si. Em suma, “uma filosofia instruída pelos símbolos tem por tarefa uma transformação qualitativa da consciência reflexiva”¹⁸.

Entendido simplesmente em sua função reveladora, o símbolo perderia a sua função ontológica. E para Ricoeur, nessa perspectiva fingiríamos crer que o “conhece-te a ti mesmo” é puramente reflexivo, quando, na verdade, é, antes de mais nada, um apelo endereçado, pelos deuses, a cada um no sentido de melhor situar-se no ser, ou em termos gregos a “ser sábio”¹⁹.

E Ricoeur nos relembra a passagem do diálogo platônico Cármide quando Sócrates diz a Crítias:

“O que o deus (em Delfos) diz a cada um quando adentra em seu santuário, é: seja sábio! Porém na qualidade de adivinho, ele o diz, sob forma enigmática: ‘conhece-te a ti



mesmo’, que é equivalente a ‘seja sábio’ assim como diz a inscrição e que eu confirmo”.

Os desígnios do filósofo são de ruptura com o que Zuben afirma ser “recinto encantado da consciência de si”, desfazendo o privilégio da reflexão. Para Paul Ricoeur, o símbolo nos é revelado como uma espécie de indicador da situação do homem no ser no qual ele existe e quer.

“O símbolo dá a pensar que o *Cogito* está no interior do ser e não o inverso”²⁰. Os símbolos dizem a situação do ser do homem no ser do mundo. A reflexão do filósofo terá, então, a tarefa de, a partir dos símbolos, elaborar não só estruturas de reflexão, mas também estruturas de existência, na medida em que existência é o ser do homem²¹.

Ricoeur argumenta sobre a minimização da reflexão à simples crítica, quando se coloca na reflexão a tentativa nada concreta das operações do pensamento que fundem a objetividade de nossas representações. Nesse contexto, cabe afirmar que de certa forma, toda a atenção volta-se para a epistemologia. Com esta ressalva, ele marca sua preferência pela posição de Jean Nabert que na linha de Fichte, concebe a reflexão como verdadeira reapropriação de nosso esforço para existir²².

“A epistemologia, afirma ele, é apenas uma parte dessa tarefa mais vasta: temos que recuperar o ato de existir, a posição do si em toda a densidade de suas obras”²³. Recuperação como apropriação já referida antes. Torno próprio “meu próprio”, aquilo que deixou de ser meu.

Percebe-se bem indicada a preferência da escolha de Ricoeur pela dimensão ética da reflexão, quando se refere a Spinoza, que entende ética no seu sentido amplo, vale dizer: “quando chama ética o processo completo da filosofia”²⁴.

Que não se confunda, então, ética com moral. Seguindo Spinoza podemos defender que a reflexão é ética antes de se apresentar como crítica da moralidade. “Sua meta é, afirma Ricoeur, de apreender o *ego* no seu esforço para existir, em seu desejo de ser”²⁵.



Ricoeur prossegue sua argumentação articulando de modo admirável a ideia platônica do Eros como desejo, amor e a idéia spinozista de *conatus* (esforço, empenho). O *conatus* como esforço é desejo na medida em que nunca se satisfaz; e o desejo como Eros é um esforço uma vez que é a afirmação de um ser e não uma carência de ser²⁶.

“Esforço e desejo são as duas faces dessa posição de Si na primeira verdade: sou, existo”²⁷. Ricoeur arremata sua argumentação com as palavras simples, porém densas e de singular propriedade semântica, conceituando reflexão como “a apropriação de nosso esforço para existir e de nosso desejo de ser, através das obras que atestam esse esforço e esse desejo”²⁸.

O símbolo dá a pensar. A filosofia está apta a buscar uma interpretação instituidora de sentido, sendo fiel tanto ao impulso do símbolo que dá a pensar quanto fiel ao compromisso, ao juramento do filósofo, que é de compreender²⁹.

Pensar a partir do símbolo. Como? O que é necessário é uma interpretação que respeite o enigma original dos símbolos, que se deixa instruir e ensinar por eles, mas que, a partir daí, promova o sentido, forme o sentido na plena responsabilidade de um pensamento autônomo. E aqui, mostra-se, segundo Ricoeur, a aporia: o pensamento ao mesmo tempo livre e vinculado. E como é possível, indaga ele, vincular a imediatez do símbolo e a mediação do pensamento?

CONCLUSÃO

Nota-se que a importância na concepção da criação da ideia enquanto compreensão de si e do mundo é necessária para Paul Ricoeur. Para tanto projeta daí sua definição de hermenêutica.



A própria noção de texto apresentada por Ricoeur parece remanescer de um encontro de cobrança no que concerne o modo de encarar as relações entre compreensão e explicação. Nesse caso, o pensamento é a atividade individualizada do homem, principalmente ao colocar em desenvolvimento a busca de sentido de seus atos existenciais, que por sua vez são objetivados no mundo cultural e social.

Na reflexão são proferidas de forma complexa e centralizadora, circundando o compreender ético e o dimensionamento simbólico interpretativo, sejam das representações, sejam das instituições e das obras do sujeito humano.

Contudo, a hermenêutica não é uma atividade de reconstrução ou de restauração do original, tal como queria a hermenêutica romântica, é sim uma atividade de comunicação de sentido do vivo. Daí a importância da compreensão dos símbolos, pois para Ricoeur é a partir deles que poderá ser elaborado um quadro de conceitos existenciais ou estruturas de reflexão e estruturas de existência.

Assim, os símbolos convidam-nos a pensar, e de certa forma torna-nos propícios às nuances do conhecimento que o homem tem de si próprio, remetendo-os ao ambiente discursivo filosófico.

Para Ricoeur, símbolo seria um recurso a ser usado como meio indicador da situação do homem. Dessa forma, segundo Paul Ricoeur, partiria então, por parte do pensador a tarefa de provocar a ruptura na consciência de si e subverter o privilégio da reflexão, fundamentado na orientação dada pelo símbolo.

Nesse contexto, para o pensador francês, a filosofia teria a vocação de esclarecimento por meio de noções da existência mesma. A filosofia passa a ser a tentativa de expressão, de proclamar o sentido não dito, contudo, “proclamável”, da vida, da existência. Tampouco, ela é antes de tudo hermenêutica, interpretativa dos sentidos, que por sua vez se concretizam na história na integração de uma vida.



BIBLIOGRAFIA

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____, Paul. *Finitude et culpabilité*. Paris: Aubier, 1993.

_____, Paul. *A metáfora viva*. Porto: Rés Editora, 1983.

* *Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos: guedes.wagner@uol.com.br*

¹ GAGNEBIN, 2006, p. 167-168.

² RICOEUR, 1978, p. 325.

³ *Ibidem*, p. 325.

⁴ RICOEUR, 1978, p. 244.

⁵ *Ibidem*, p. 15.

⁶ RICOEUR, 1978, p. 244.

⁷ *Ibidem*, p. 244-245.

⁸ 1978, p. 275

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ RICOEUR, 1978, p. 276.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ RICOEUR, 1978, p. 272.

¹⁷ RICOEUR, 1978, p. 277.

¹⁸ RICOEUR, 1993, p. 331.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*, p. 331-332.

²² *Ibidem*, p. 276.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*, p. 277.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ RICOEUR, 1978, p. 277.

²⁷ *Ibidem*, p. 277.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ RICOEUR, 1993, p. 326.